



INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

CAMPUS PORTO ALEGRE

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

ANGELA ZANOTELLI CAGLIARI

**ROTEIROS POSSÍVEIS: EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E EDUCAÇÃO INTEGRAL
NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Porto Alegre

26 de agosto de 2019

ANGELA ZANOTELLI CAGLIARI

**ROTEIROS POSSÍVEIS: EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E EDUCAÇÃO INTEGRAL
NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo *campus* Porto Alegre do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Dra. Andréia Modrzejewski Zucolotto

Porto Alegre

26 de agosto de 2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C131 Cagliari, Angela Zanotelli.

Roteiros possíveis: experiência estética e educação integral na Educação Profissional e Tecnológica / Angela Zanotelli Cagliari. - Porto Alegre, 2019.

55 p.; il. color. ; 29 cm

Dissertação (mestrado) – Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Campus Porto Alegre, Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, Porto Alegre, 2019.

1. Educação. 2. Museu. 3. Experiência estética. I. Zucolotto, Andréia Modrzejewski. II. Título.

CDU: 37:069.9



INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Autarquia criada pela Lei nº 11.892 de 29 de Dezembro de 2008



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

ANGELA ZANOTELLI CAGLIARI

**ROTEIROS POSSÍVEIS: EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E EDUCAÇÃO INTEGRAL
NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 26 de agosto de 2019.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Andréia Modrzejewski Zucolotto

Instituto Federal do Rio Grande do Sul

Orientadora

Profa. Dra. Liliane Madruga Prestes

Instituto Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Márcia Regina Bertotto

Universidade Federal do Rio Grande do Sul



INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Autarquia criada pela Lei nº 11.892 de 29 de Dezembro de 2008



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

ANGELA ZANOTELLI CAGLIARI

**ROTEIROS POSSÍVEIS: CRIANDO EXPOSIÇÕES NO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA.**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Validado em 26 de agosto de 2019.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Andréia Modrzejewski Zucolotto

Instituto Federal do Rio Grande do Sul

Orientadora

Profa. Dra. Liliane Madruga Prestes

Instituto Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Márcia Regina Bertotto

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu companheiro Guilherme pelo incentivo e paciência durante essa jornada. À minha orientadora Andréia e às professoras Liliane e Márcia pelos ensinamentos e contribuições. Agradeço também às professoras e museólogas que gentilmente participaram da pesquisa, assim como às colegas de curso, que foram fundamentais nas trocas e compartilhamentos de ideias e reflexões.

RESUMO

Ao propor aproximações entre a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) e os processos museológicos, esta pesquisa almeja compreender e desenvolver possibilidades de experiências estéticas no *espaçotempo* da EPT ao criar, avaliar e testar um produto educacional (PE) desenvolvido no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). As inquietações da investigação têm em seu horizonte compreender a concepção de educação integral e a importância da experiência estética enquanto parte da formação integral de sujeitos no contexto da EPT, partindo de referenciais teóricos freireanos aliados à concepção de experiência de Larrosa (2002, 2018). De natureza qualitativa e exploratória, a pesquisa é um estudo de caso do *campus* Porto Alegre do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), que busca estudar o uso dos *espaçotempos* escolares para subsidiar o desenvolvimento um produto educacional. Em formato de guia, o PE é um material textual chamado “Roteiros Possíveis: criando exposições no espaço de Educação Profissional e Tecnológica” que tem como objetivo possibilitar experiências estéticas no referido contexto, partindo do pressuposto que a estética é parte essencial para a formação humana integral. O PE foi avaliado por museólogos e educadores através de questionário aberto com perguntas elaboradas com base nos três eixos propostos por Kaplún (2003) para a criação de materiais didáticos: eixos pedagógico, conceitual e comunicacional. A pesquisa contou também com a experimentação do PE em aula, resultando em duas exposições que verificaram na prática a importância do uso de recursos museológicos como propositores de novas experiências no contexto estudado.

Palavras-Chave: Educação Profissional e Tecnológica. Experiência estética. Produto educacional.

ABSTRACT

By proposing approximations between Professional and Technological Education (PTE) and museum processes, this research aims to understand and develop possibilities of aesthetic experiences in the PTE space while creating, evaluating and testing an educational product (EP) developed in the Professional Master in Professional Education and Technological (ProfEPT). The research concerns to understand the conception of integral education and the importance of the aesthetic experience as part of the integral formation of subjects in the context of the PTE, starting from Freire's theoretical references allied to Larrosa's conception of experience (2002, 2018). Qualitative and exploratory, the research is a case study of the Porto Alegre campus of the Federal Institute of Rio Grande do Sul (IFRS), which seeks to study the use of school space to support the development of an educational product. In a guide format, the EP is a textual material called "Possible Itineraries: Creating exhibitions in the PTE space" that aims to enable aesthetic experiences in the mentioned context, assuming that aesthetics is an essential part of integral human formation. The EP was evaluated by museologists and educators through an open questionnaire with questions elaborated based on the three axes proposed by Kaplún (2003) for the creation of didactic materials: pedagogical, conceptual and communicational axes. The research also counted on the experimentation of the EP in class, resulting in two exhibitions that verified in practice the importance of the use of museum resources as proposers of new experiences in the studied context.

Keywords: Professional and Technological Education. Aesthetic experience. Educational product.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

IFRS – Instituto Federal do Rio Grande do Sul

ProfEPT – Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos

PE – Produto Educacional

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	15
1 INTRODUÇÃO.....	17
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	22
3 METODOLOGIA.....	29
4 ANÁLISE DOS DADOS	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE A - PRODUTO EDUCACIONAL	46
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO APLICADO COM MUSEÓLOGOS.....	54
APÊNCIDE C - QUESTIONÁRIO APLICADO COM DOCENTES.....	55

APRESENTAÇÃO

A pesquisa aqui proposta não busca o aprofundamento técnico nos estudos museais, sim uma aproximação entre seus processos e a escola¹. A motivação investigativa vem das minhas próprias experiências de trabalho em centros culturais, museus e em escolas formais. Ao longo da minha formação acadêmica, trabalhei em acervos documentais de museus de arte e como mediadora da Bienal do Mercosul por várias edições. Após a graduação, como funcionária de um centro cultural, pude vivenciar o trabalho em diversas áreas dentro da mesma instituição: de assistente operacional à mediadora de exposições até assistente no acervo histórico-documental. Assim, meu primeiro contato como educadora foi em um espaço de educação não formal, como mediadora em exposições de arte. Ainda em formação, iniciei minha trajetória como professora de artes visuais na educação básica, atuando da educação infantil ao ensino médio, e pude perceber como as experiências anteriores de trabalho contribuíram enormemente para o meu repertório estético e meu fazer docente, papel que desempenho atualmente.

Enquanto professora em escolas privadas e públicas, observo que a produção dos educandos costuma ser subvalorizada. Um ou outro mural com trabalhos em folhas tamanho A4 pendurados - sem critério explícito, talvez apenas em ordem alfabética, alguns cartazes em papel pardo, cartolinas amassadas. Noto também que no cotidiano escolar, pouco se reflete sobre como mostrar o que os alunos fazem para além da avaliação dos professores em sala de aula, ainda se deseja resultado em detrimento do processo. No que observei em minhas vivências, a maioria do que é posto nos corredores e murais é resultado de produções realizadas em aulas de ciências humanas e linguagens, com nenhuma ou pouca identificação do que foi feito e por quê, aparentando ser quase como uma “prestação de contas” de alguma atividade realizada, para a coordenação e os pais dos estudantes.

Na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, a ocorrência de exposições é mais frequente que nos anos finais do fundamental e no ensino médio. Talvez seja assim por se aceitar que nas primeiras etapas o educando se expresse mais livremente, em diferentes suportes, e não tenha o formato de prova como (às vezes único) recurso avaliativo, sendo considerado seu desenvolvimento processual em detrimento dos acertos e erros em testes divididos por disciplinas. Quanto mais se avançam fases, menos processos são

¹ O termo escola para esta pesquisa refere-se ao contexto da EPT.

considerados e mais resultados prontos são esperados dos educandos, tornando-os cada vez mais conformados ao passar dos anos.

A partir do desejo de unir meus repertórios e caminhos profissionais, desenvolvi com esta pesquisa² um produto educacional que busca o diálogo entre a Museologia e o espaço escolar com o objetivo de proporcionar experiências estéticas, acreditando que estas são fundamentais para o desenvolvimento integral dos seres humanos, e em especial, dos indivíduos que compõem a Educação Profissional e Tecnológica.

² Número CAAE: 88377218.6.0000.8024

1 INTRODUÇÃO

Nesta etapa introdutória do que irá se tecer adiante faz-se importante salientar que o que está posto parte das inquietações desta pesquisadora; advém de muitas incertezas sobre o que é educação e sobre a tentativa de abordar a pesquisa em Educação a partir do diálogo entre Educação Profissional e Tecnológica (EPT), Museologia e experiência estética. A origem dessas perguntas remonta ao papel social da educação, à busca pela compreensão sobre como podemos ser sujeitos inteiros em uma sociedade fragmentada, que privilegia a informação em detrimento da experiência, que valoriza mais as opiniões que os sentidos das coisas (LARROSA, 2002). Vive-se em tempos de crise, de individualidade sobreposta ao coletivo. Se há crise, deve haver resistência, deve-se buscar horizontes que nos impulsionem, nos alimentem, nos libertem, e não que nos conformem. Dificilmente as respostas serão completas, mas o fundamental é questionar, manter acesa a chama do não saber, da incerteza. Jorge Mautner em sua música *Negros Blues* (1981) irá dizer que “somente quem tem o caos dentro de si poderá dar luz a grande estrela bailarina”: o caos é um potente lugar para a criatividade florescer.

O problema apresentado por esta pesquisa reside na investigação do espaço escolar de EPT e suas possibilidades relativas à experiência estética como parte fundamental na formação integral de seus sujeitos (FREIRE; SHOR, 1986). Propõe-se refletir sobre a experiência estética nos espaços escolares de EPT tendo como objetivo principal criar e aplicar um produto educacional (PE) que relacione recursos museológicos, o espaço educacional já citado e seus sujeitos, educadores e educandos.

A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa e bibliográfica associada ao estudo de caso do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) *campus* Porto Alegre. O início do processo se deu a partir da verificação e análise de imagens fotográficas disponíveis nos arquivos de comunicação da referida instituição em concomitância com a pesquisa bibliográfica. Em seguida, constatando que o espaço fora das salas de aula era utilizado apenas em eventos como as feiras de iniciação científica, iniciou-se a elaboração de um material textual no formato de guia. “Roteiros Possíveis: criando exposições no espaço de Educação Profissional e Tecnológica” é um PE pensado visando criar um material atrativo e interdisciplinar sobre como desenvolver uma exposição fazendo uso de produções de educandos realizadas em sala de aula sem restrição de componente curricular, nas instituições de EPT.

A contribuição social vislumbrada com “Roteiros Possíveis” é a inserção na área de ensino formal, tendo como seu público principal os sujeitos da rede pública de EPT no recorte do *campus* Porto Alegre do IFRS. Ao realizar a pesquisa neste contexto, objetiva-se colaborar para o desenvolvimento da produção científica no campo ao considerar de suma importância reflexões sistemáticas sobre a EPT brasileira a fim de, se impossível extinguir, especialmente nos dias atuais, suprimir as dicotomias existentes entre a educação propedêutica e a profissional. Busca-se, assim, através da identificação do espaço escolar em questão, da elaboração do produto educacional e da avaliação do mesmo por museólogos e o seu uso por professores em aula, ter como resultado final um PE seja potente para transformar ou ressignificar o espaço escolar de EPT através da experiência estética de seus sujeitos. Experiência esta que auxilia no desenvolvimento integral tanto dos educandos quanto dos educadores para que sejam capazes de compreender o sentido de suas vidas e seus papéis sociais, a fim de se tornarem seres humanos conscientes e aptos a decidirem o curso de suas vidas, no melhor sentido freireano (GADOTTI, 1991; 2010).

No tocante à avaliação, parte indissociável do mestrado profissional, o PE foi avaliado de duas formas: por professores atuantes na rede de EPT do *campus* Porto Alegre do IFRS e por museólogos. A avaliação do guia “Roteiros Possíveis” se deu através de questionário aberto entregue aos museólogos. Para os docentes, além do mesmo questionário, foi solicitado a utilização do PE em suas práticas pedagógicas.

A metodologia escolhida para a análise dos dados levantados na etapa descrita acima foi o modelo analítico clássico de estudo de caso proposto por Gil (2009). Os professores e os museólogos expuseram suas opiniões e críticas quanto à contribuição do produto educacional para a prática educativa na situação de EPT e em relação a sua adequação técnica e pedagógica para o uso em espaços de educação formal. Em adição ao questionário, duas professoras se dispuseram a utilizar o “Roteiros Possíveis” em aula, resultando em duas exposições que serão relatadas adiante.

Ao observar o espaço arquitetônico do IFRS *campus* Porto Alegre, pôde-se perceber que neste ambiente de EPT, assim como observado em escolas de educação básica, pouco se expunha a produção dos educandos fora da sala de aula. A espacialidade do local é deveras particular e, apesar do piso claro do átrio, das escadas suntuosas, das galerias resguardadas por paredes de vidro, a identidade do *campus* Porto Alegre está relacionada a essas particularidades, que por serem diferentes tornam-se parte da visualidade do *campus*. Partindo do desejo de entender que espaço é esse onde se ensina e aprende, mas que em nada se

assemelha a uma escola ou universidade, iniciou-se uma investigação do uso dos espaços, realizada por meio dos registros fotográficos institucionais, no setor de comunicação. As fotografias disponíveis documentavam feiras de iniciação científica ou alguma palestra com convidados de fora da instituição, não havia nenhuma imagem de exposições ou mostras para além desse tipo de evento³. Essa descoberta confirmou a hipótese inicial de subutilização do espaço físico do *campus* para fins educacionais.

O prédio sede do *campus* Porto Alegre é bastante peculiar, tendo sido em sua origem projetado para ser uma loja de departamentos, depois adaptado para uma instituição de saúde e então reconfigurado para abrigar o IFRS. O *campus* Porto Alegre surge a partir da Escola Técnica da UFRGS, em 2008, e permanece com sede no terreno da Universidade até 2011, quando ocorre a mudança para local próprio no centro da cidade, ocupando o prédio que foi construído na década de 1940 para a rede de lojas Mesbla, que depois viria a abrigar a Ulbra Saúde, que comprou o local após a falência da rede de lojas.

O edifício, originalmente, foi projetado para ter uso misto, sendo o térreo, a sobreloja e o segundo andar, parte da magazine, enquanto os demais andares até o nono piso, eram escritórios. Portanto, o *campus* Porto Alegre reside em um ambiente arquitetônico desafiador que, apesar de representar uma referência espacial para o centro da cidade, tendo sido um marco na verticalização da cidade na época de sua construção, essa mesma espacialidade não é receptiva e pouco assemelha-se a um espaço de educação (JESUS, 2016; LODER, 2014). Porém, como a proposta da pesquisa é desacomodar, criar tempos e situações diferentes nessa complicada arquitetura, insistiu-se no desafio da ocupação intencional do *campus*.

Além da questão espacial do *campus* Porto Alegre e seu pouco uso, outra justificativa para a pesquisa é a ausência de produção científica recente sobre as relações entre museu e escola no âmbito da EPT. Por isso, se fez necessário realizar uma revisão da literatura recente para comprovar o fértil, mas pouco explorado, solo da EPT e da Museologia.

Considerando que uma função importante de uma instituição museológica é a educativa e o patrimônio cultural é a problemática do museu, as ações educativas que podem se materializar através de exposições, mas não somente, são formas de abordar a cultura material e imaterial produzida pelos seres humanos. Segundo Cury (2005), o museu é um lugar educativo no qual o processo de aprendizagem se dá, entre outros aspectos, pelos objetos expostos. Portanto, a fim de desenvolver este estudo de revisão envolvendo museu e

³Obtive acesso ao banco de imagens do setor de comunicação do IFRS *campus* Porto Alegre. Todos os registros vistos são de eventos, de fevereiro de 2016 até dezembro de 2017.

escola, tomaremos aqui a afirmativa que Museologia e Educação caminham juntas para o desenvolvimento da cidadania e da transformação social (FREIRE, 1988, 1996; SANTOS, 2002). Ambas as áreas de estudo são interdisciplinares, e por assim serem, possuem uma grande produção de conhecimento que abarca diversas problemáticas por igualmente diversos vieses.

Como mencionado, optou-se por abordagens que relacionam a prática educativa no museu e na escola, pois a motivação surgiu da necessidade de conhecer os estudos mais recentes que estabelecem diálogos entre esses dois campos, para melhor desenvolver o PE. Portanto, buscou-se, através da revisão de artigos, compreender algumas questões, como: o que é e como é considerada, pela comunidade científica de língua portuguesa, a relação entre museu e escola? Quais são as possibilidades de diálogo entre a instituição museológica e a instituição escolar? Sob quais perspectivas teóricas o tema museu e escola vem sendo estudado? Na tentativa de buscar respostas, ou ainda, novas perguntas a esse respeito, foram selecionados artigos revisados por pares, disponíveis no Portal de Periódicos da Capes, publicados em língua portuguesa entre os anos de 2007 e 2017.

A escolha de realizar o levantamento de artigos em língua portuguesa surgiu do desejo de conhecer fontes produzidas em nosso idioma e compreender como é vista a relação entre Museologia e Educação pelo olhar dos pesquisadores, que são, em grande parte, brasileiros. Os descritores escolhidos para a busca no Portal de Periódicos da Capes, inicialmente, foram “exposição e escola”, “expografia e educação”, “expografia e educação”, “museologia e escola”. Nenhum desses termos acusou resultados, sendo necessário alterações nas palavras de busca. O fato de não serem encontrados artigos com esses termos já é um indicativo da ausência de produção científica sobre o tema museu e escola. Ao fim, foram selecionados sete artigos contemplando os descritores “museologia e educação”, “museologia e escola”, “museu e educação” e “museu e escola”.

Dos artigos analisados, a costura que existe entre eles é dada pela noção de espaço museológico enquanto espaço educativo. Alguns autores como Oliveira (2013), Freitas e Siman (2015) e Pacheco (2010) mergulham na genealogia do museu com função social a partir da Nova Museologia e do pensamento de Paulo Freire. Outros pesquisadores refletem sobre o museu como espaço educativo que vai somar ao ensino escolar e o papel do docente deslocado da escola, tal como articulam Braga (2015) e Buchmann (2014). E Vergara (2016) por fim, em sua pesquisa traz o relato de uma visão educativa do museu para além do seu espaço físico, refletindo sobre o patrimônio urbano e as ações educativas não-formais

desenvolvidas por meio de jogos para a valorização dos bens culturais da cidade de Pelotas, RS.

Pôde-se concluir que as investigações abordadas têm duas direções complementares. A primeira, ao investigar possibilidades de tornar o museu mais social, menos elitizado por meio da Museologia contemporânea, faz esforços para desenvolver espaços museológicos mais democráticos. O segundo caminho concentra-se no museu como complemento à educação escolar, com vistas a conhecer outras formas de narrar histórias, de relação com o patrimônio cultural. Portanto, existe um movimento, mesmo que pequeno, de compreender o museu na escola e a escola no museu (com seus processos educativos mediados por objetos). É salutar o empenho dos pesquisadores em estudar e analisar questões pertinentes à educação contemporânea inspirados por Paulo Freire, pela Nova Museologia, pelas relações sociais estabelecidas e pela vontade de transformar o *status quo*. A relevância das pesquisas sobre o tema contribui para o entendimento da relação de interdependência do museu com a educação e, ainda, sugerem muitas outras possibilidades a serem desenvolvidas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A partir da revisão de literatura, foi identificada a lacuna de produção científica no diálogo entre escola e museu, fato que fomentou a elaboração e aplicação do PE, em conjunto com o referencial teórico exposto abaixo.

Na visão freireana, seres humanos são indivíduos histórico-sociais, sujeitos inacabados, com capacidade para construir e reconstruir a si mesmos e a história, sendo agentes transformadores das realidades das quais fazem parte, premissa que propõe a educação como prática da liberdade. Para Freire, os seres humanos ao se desenvolverem de forma integral, passam de uma consciência ingênua para uma consciência crítica ao terem conhecimento de suas realidades, assim sendo capazes de alterar o curso de suas vidas (FREIRE, 1988).

Paulo Freire foi um educador progressista, e acreditava que educadores e educandos eram centrais no processo de ensino-aprendizagem, pois o conhecimento deve se materializar na realidade concreta, do contrário, é vazio, sem significado. Desse modo, o autor propõe que os conteúdos da prática educativa sejam importantes para os educandos, façam sentido, para que desse modo possam desenvolver um pensamento crítico sentindo-se habilitados a interferirem em suas realidades cotidianas, a fim de transformá-las. A educação, nesta visão, é dada como processo que necessita de constantes: ações, reflexões, críticas, condições. Se somos seres inacabados, condicionados histórico e socialmente, é partindo de ações críticas que construiremos novas configurações da realidade.

Para que os sujeitos da educação, tanto os educadores quanto os educandos sejam capazes de perceber e transformar suas realidades, é importante que os mesmos compreendam que aprender é uma aventura criadora, a qual só se realiza em espaço que possibilite a experiência (FREIRE, 1988). Em Freire, a ideia de experiência está associada tanto ao passado quanto ao presente, as experiências dos educandos e dos educadores influenciam o processo educativo, sendo fundamental que esse repertório seja abraçado para que haja significado e identidade no ensino-aprendizagem, para que o ato de ensinar e de aprender não seja apenas uma transferência de conhecimentos opressores, como uma concepção de educação bancária (FREIRE, 1996). Portanto, não se educa a partir do nada, do zero, sempre devemos considerar que o outro já possui cultura, já possui conhecimentos.

Este estudo de caso defende a EPT como educação integral, sendo aquela que quer tornar inteiro o processo educativo, que busca diminuir os espaços existentes entre as

dimensões técnica e intelectual sustentando que a educação é um processo com vistas à autonomia e à liberdade dos sujeitos, e não a sua conformação. Ao propor uma educação integral para a transformação social, é preciso falar na educação possível pela experiência estética. Afinal, a vida se dá além das questões primais, da técnica, da operacionalização do cotidiano; ela também se realiza nas relações com o sensível, nos encontros estéticos, no que nos toca, no que nos modifica (LARROSA, 2002). É por esse caminho de delineamento de experiências estéticas que o produto educacional dessa pesquisa visa contribuir para a ideia de integralidade na EPT.

Historicamente, a concepção de educação profissional no Brasil favoreceu justamente um modelo que, ao invés de promover a formação crítica, realizou a manutenção do *status quo* da classe dominante, por meio de uma pedagogia focada na lógica de mercado. Educadores e teóricos que pensam a educação profissional como processo de formação humana, logo integral, afirmam que a dualidade histórica brasileira, no que diz respeito à EPT, deve ser superada, ou ao menos, diminuída (CIAVATTA, 2005; MOURA, 2017). A emancipação humana ou a autonomia dos educandos se realiza nas relações sociais, na articulação entre saberes práticos e teóricos, e dentro desses saberes está a educação sensível, onde reside a experiência estética.

Ramos (2011) reforça a importância da compreensão histórico-social dos seres humanos para o desenvolvimento da integralidade na esfera educativa. Desse modo, a educação integral só faz sentido se for entendida a partir da concepção de formação que almeja e proporciona a omnilateralidade dos sujeitos, ou seja, busca integrar no processo educativo todas as dimensões da vida dos educandos visando diminuir as diferenças entre os oprimidos e os opressores, ou seja, a educação como emancipadora de sujeitos (FREIRE, 1988).

Como parte das dimensões que constituem o ser humano, a experiência estética na educação pode promover aberturas para compreender o outro ao acessar novas interpretações do eu no mundo e do mundo em mim (HERMANN, 2002). Portanto, parte-se do pressuposto freireano que a educação implica em ética e estética de modo indissociável, e ao fazer isso, esta pesquisa através do PE, busca atenuar as mencionadas dicotomias historicamente dadas no mundo do trabalho, entre os que executam e os que pensam, proporcionando experiências estéticas que potencialmente contribuirão para essa formação integral humana.

Na atualidade, falta não compreender os opostos, mas sim os pares unidade/diversidade, eu/mundo, e precisamos resgatar e associar ética à estética como bases

de uma educação transformadora (FREIRE; SHOR, 1986). Como é possível sermos mais inteiros em um mundo tão fragmentado e especializado?

Hermann (2002; 2005) afirma a importância da estética para a educação, defendendo que a estetização dos processos educativos pode liberar novas formas de sensibilidade esquecidas, possibilitando a ampliação de uma consciência ética porque ao trazer o diferente, o plural, a novidade, a experiência estética agrupa e não descola essas questões da moral e sim as faz perceber. Ao propor um conhecer pelo sensível, a autora favorece uma ideia de educação ética-estética, sem definir fronteiras rígidas entre essas duas áreas. A soberania da razão já não dá conta das questões do mundo contemporâneo, da pluralidade e da diferença. A estética luta contra o racionalismo radical, já que através da experiência estética é possível conhecer aquilo que comumente não é privilegiado pela lógica.

Dado o momento histórico, não é mais possível confiar a educação a projetos que visem instrumentalizar os sujeitos apenas para a manutenção de sistemas hegemônicos, uma educação ética-estética se faz urgente. Para Hermann, existe uma permeabilidade entre ética e estética no sentido em que a experiência estética é “uma via de acesso possível para a vida moral, enquanto educação para a alteridade” (HERMANN, 2002; p. 12 e 21).

A educação precisa do sensível se queremos dela sujeitos inteiros, e ao valer-se das experiências estéticas e de seus desdobramentos como forma de lidar com a moral contemporânea, é um caminho para a superação do individualismo excessivo para que possamos transformar realidades (HERMANN, 2002, 2005).

Jorge Larrosa (2002) reflete sobre a educação a partir do par experiência/sentido e não do informação/opinião. Para o autor, na contemporaneidade, confunde-se experiência com informação, e esta última cancela toda possibilidade de experiência, pois a informação não nos toca, não nos modifica. O ato de exposição ao mundo, no sentido de permitir-se, de estar disponível, é uma das premissas da experiência. Para Larrosa, a escola tradicional fortalece o par informação/opinião, quando dá à opinião a dimensão significativa da aprendizagem: dispõem-se da informação (os fatos objetivos), tal qual como experiência, e busca-se sentido (o elemento subjetivo) na opinião. O sujeito da experiência, além de ser aquele que opina, que trabalha, que corre – afinal, a vida é movimento apressado, é falta de tempo – é um espaço, que é de passagem, pois a experiência é o que nos passa, como um território sensível, que pode ser de chegada, de acontecimento, mas o que o define é sua passividade em oposição à atividade. Estar disponível, aberto às percepções é condição para a experiência (LARROSA, 2002).

Portanto, a experiência estética contribui para deslocamentos no modo de ser dos sujeitos, considerando-os espaços sensíveis, é possível pensar o eu no mundo e o mundo no eu, possibilitando o desenvolvimento da autonomia. Porém, é preciso abrir-se para o desconhecido, através da atitude estética, a qual deve ser uma posição desinteressada ante o contexto dos sujeitos, dos seus mundos. Reforçando, a atitude estética é uma abertura que o sujeito tem diante o mundo, e para viver uma experiência, é preciso que algo nos modifique, nos transforme, não algo que modifique ou transforme, o eu é obrigatório na experiência. A experiência, portanto, ocorre do encontro entre sujeitos e objetos ou acontecimentos, como em uma exposição (PEREIRA, 2011).

A proposta feita aqui é uma caminhada para uma formação integral em EPT que vise processos ligados à experiência estética, ponderando que a educação não pode limitar-se a apenas instruir tecnicamente: ela deve promover esperanças, desencadear processos permeados pela autonomia vislumbrando a construção de novos conhecimentos, novas realidades, novas consciências e novos “eus”.

A partir do exposto, buscou-se com o desenvolvimento do PE elaborar situações viáveis de experiência estética no *espaçotempo*⁴ da EPT, com a finalidade de compor a formação integral dos sujeitos desse contexto, ao proporcionar experiências em oposição à informação e sentidos em vez de opiniões, ao contrário do que historicamente a educação profissional tem reproduzido (ALVES, 2001; LARROSA, 2002).

A intenção da pesquisa ao usar recursos de domínio de museus é possibilitar experiências estéticas através de exposições. O esclarecimento de alguns termos e conceitos da Museologia é fundamental para que as aproximações possíveis entre educação escolar e museu sejam compreendidas dentro desta pesquisa.

O termo “museu” passou por diversas concepções ao longo dos séculos, de templo de musas em sua origem grega até a ideia de museu virtual na atualidade. Aqui, o foco será no conceito de museu como instrumento concebido por seres humanos para a compreensão da interdependência entre a humanidade e a realidade, entre o social, o natural e o estético e o desenvolvimento humano associados aos processos museológicos de conservação, pesquisa e comunicação – o museu com função social (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013; SANTOS,

⁴Alves (2001) debruça-se sobre o cotidiano em seus estudos sobre o espaço e o tempo escolares, criando um novo termo, *espaçotempo*, entendido como a dimensão material do currículo. O *espaçotempo* é múltiplo e complexo, de relações e sujeitos que aprendem e ensinam múltiplos conteúdos de igualmente múltiplas maneiras.

2002). Para Cury (2013), a atuação do museu é na perspectiva da cidadania cultural e enquanto instituição, possui postura argumentativa, defende pontos de vista, posições políticas, e assim como a instituição escolar, jamais é neutra. A partir da segunda metade do século XX começa-se a questionar a missão social dos museus e como a Museologia pode interferir nas práticas sociais, afirmando o caráter social e interdisciplinar dos museus.

O termo Museologia é compreendido como disciplina humana aplicada, em formação e em constante renovação, que pode ser pensada como o estudo crítico da instituição museu e suas relações, e especialmente da relação entre seres humanos e suas comunicações com suas realidades (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013). Devido a dinâmica formativa, processual da Museologia, há várias concepções do termo. Para fins desta pesquisa, ficaremos com as ideias endossadas acima por Desvallées e Mairesse (2013) e por Cury (2006), que nos dizem que a Museologia está ligada ao fato museal, termo este cunhado por Waldisa Rússio (BRUNO, 2010), remete à relação entre seres humanos, os objetos e bens de sua realidade e o que resultada da sua ação transformadora, adicionado à musealização que significa atribuir valores “a objetos que, por suas qualidades, são selecionados com o objetivo de provocar o confronto do Homem com a sua própria Realidade, Realidade construída pelo próprio Homem” (CURY, 2006; p. 30).

Se interrogar a realidade é uma das funções do museu através de uma comunicação, no caso, uma exposição, não poderia uma mostra no espaço escolar também provocar questionamentos sobre a realidade dos educandos? Tem-se aí um encontro do pensamento crítico de Paulo Freire com o pensamento museológico. Segundo Cury (2006), uma das finalidades do museu ao interrogar realidades, é favorecer a cidadania e seu exercício por meio da exposição e da preservação do patrimônio cultural, que estão intimamente ligados à memória e à identidade. Cury (2006) afirma que a relação entre homens e mulheres e objetos/acontecimentos se dá por uma situação provocada institucionalmente (uma exposição). Neste momento, questiona-se se a instituição escolar formal pode, ao tomar de empréstimo a vocação comunicativa do museu, também forjar situações de questionamento de realidades, de construção e reconstrução de memórias e de identidades e de memórias ao utilizar o recurso da exposição como o museu o faz.

O que entende-se por processo museológico está baseado nos estudos de Santos (2002), nos quais a autora defende uma interação entre museu e escola que seja baseada na ação e na reflexão críticas através de métodos e técnicas que façam sentido para o grupo de pessoas envolvidas, devendo sempre serem contextualizados e em constante avaliação. A

educação e a Museologia envolvem processos condicionados social e historicamente, ambas resultam de ações humanas sobre e no mundo. São também áreas do conhecimento interdisciplinares, que permitem diversas relações e interações, especialmente se entendermos que processos educativos, independentemente do local onde ocorrem, não se esgotam, pois sabendo que somos incompletos, podemos ser aprendentes pela vida toda. Paulo Freire em sua *Pedagogia da Autonomia*, defende que uma das funções essenciais da escola é sistematizar o conhecimento, trabalhar de forma crítica as coisas e os acontecimentos e por consequência, sua comunicabilidade (FREIRE, 1996).

As aproximações entre Santos (2002) e o pensamento freireano se dão quando a autora nos fala que o patrimônio cultural dos educandos é a base da educação assim como o é para as ações museológicas. Para uma educação integral, não podemos incorrer em atitudes que excluam os saberes dos educandos e os vejam como espaços vazios a serem preenchidos, para que ocorra a apropriação ativa das realidades dos educandos, a fim de transformá-las, é preciso antes de tudo, considerar essas realidades. Para a autora, a ideia de patrimônio precisa ser revista dadas as relações em constante mudança no mundo contemporâneo. Santos ainda afirma que as ações museológicas só podem atingir os objetivos de transformação social e exercício da cidadania se forem associadas à dimensão educativa, porque assim como a educação formal, os processos de um museu também são dinâmicos, resultantes da ação e reflexão dos sujeitos participantes do processo. Portanto, para que a função cidadã do museu seja realizada, a ampliação do conceito de patrimônio é necessária, sendo fundamental pensar novas “categorias de museus, como ecomuseu, museu comunitário, museu de vizinhança, etc.” (SANTOS, 2002, p. 6), assim, ao expandir a noção de patrimônio, consequentemente as ações museológicas também se alargam.

Os museus trabalham, basicamente, com três ações que compõem os processo museológico e que estão sempre integradas: a pesquisa, a preservação e a comunicação. A pesquisa, ao ter como referência o cotidiano, que ao ser qualificado, torna-se patrimônio cultural material ou imaterial, busca a construção do conhecimento e alimenta as outras ações do museu. Já a preservação, que pressupõe um acervo (um conjunto de bens), é separada em três etapas: a coleta, a classificação e registro (a documentação), e a conservação (formação de atitudes preservacionistas) (SANTOS, 2002).

Por fim, a comunicação museológica é a ação que privilegia o ato de expor. Para Santos (2002), “a exposição é, ao mesmo tempo, produto de um trabalho interativo, rico, cheio de vitalidade, de afetividade, de criatividade e de reflexão, que dá origem ao

conhecimento que está sendo exposto e a uma ação dialógica de reflexão, estabelecida no processo que antecedeu a exposição e durante a montagem, além de ser ponto de partida para outra ação de comunicação” (SANTOS, 2002; p. 8), a exposição é, portanto, dinâmica, uma ação que estimula o pensamento crítico, que pode nos transformar se for vivida como experiência. De forma mais técnica, o termo pode assumir outras definições como: o resultado do ato de expor, o lugar onde se expõe e o conjunto daquilo que é exposto. Para esta investigação, utiliza-se a palavra o mostra como sinônimo de exposição, no sentido de visualização, exibição de algo. Em tempo, ideia de exposição enquanto lugar onde se expõe é definido não somente pelo que se expõe, mas pelos sujeitos que fazem uso desse espaço, ou seja, a exposição é um lugar onde interações sociais ocorrem. Sendo assim, a exposição é definida por aqueles que utilizam o espaço onde ocorre a mostra (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013).

3 METODOLOGIA

Os autores apresentados anteriormente foram a base teórica para processo de criação do PE, para o qual foi necessário o aprofundamento em conceitos próprios da Museologia (Figura 1). Também importante foi a compreensão do contexto histórico da Educação Profissional e Tecnológica para associar a experiência estética à formação integral e à educação para a autonomia das pessoas que fazem parte do universo investigado. Portanto, para que os objetivos da pesquisa fossem alcançados, escolheu-se realizar uma pesquisa de natureza qualitativa, que tem caráter exploratório, envolvendo a pesquisa bibliográfica e documental, e o estudo de caso, com referencial metodológico de Gil (2009) e Moreira (2011). Optou-se pela pesquisa qualitativa, pois esta investigação trabalha com interpretações de fenômenos sociais no campo educativo, a partir de um problema advindo da trajetória profissional da pesquisadora. Ao eleger esta tipologia de pesquisa para a exploração de ideias e pressupostos que são essencialmente sociais, contemplam-se os objetivos desta investigação.

A respeito do procedimento de estudo de caso, segundo Gil (2009), este constitui um dos diversos modos de delineamento de pesquisa. É um modelo proposto para a produção de conhecimento em um campo específico, no caso, a EPT. Neste modelo metodológico podem ser utilizadas diferentes técnicas de coleta e análise de dados, pois é uma proposta para uma investigação que se pretende holística e visa à ampliação do conhecimento da pesquisadora sobre um fenômeno novo, pouco conhecido ou ainda não sistematizado. Dessa maneira, opta-se por este delineamento por ser o tipo de metodologia mais adequado à presente pesquisa, à medida que o método busca uma visão sistêmica, em que as partes são fundamentais para o todo. Além disso, segundo Moreira (2011), o uso da referida metodologia na educação, é frequentemente ligada a estudos descritivos de instituições escolares, aplicando-se ao contexto e problema de pesquisa apresentados.

Figura 1 – parte do glossário desenvolvido para o PE.



Fonte: Autora, 2019.

Portanto, em adição à pesquisa bibliográfica, este estudo de caso é composto pela análise de imagens do *campus* Porto Alegre e pelo *corpus* de investigação composto pelos dados obtidos por meio de questionário aberto e relatos de uso do PE em aula, os quais permitiram a análise clássica na interpretação de dados (GIL, 2009).

As etapas de desenvolvimento consistiram na análise de imagens fornecidas pela coordenação de comunicação do *campus* Porto Alegre, no levantamento bibliográfico e na pesquisa em materiais sobre Museologia para a composição do PE. Em seguida, elaborou-se um questionário aberto por escrito como forma de avaliação do guia “Roteiros Possíveis, o qual foi inspirado por Kaplún (2003) e seus elementos para a construção de materiais educativos. O questionário foi respondido por dois grupos distintos de profissionais: museólogos e professores. Em adição, tem-se o relatório de uso do PE por educadores em aula, que compõe o *corpus* da análise de dados conjuntamente com os questionários.

Para compreender como o espaço físico do *campus* Porto Alegre vinha sendo utilizado como recurso educativo, pesquisou-se junto ao setor de comunicação da instituição fotografias que registrassem eventos, mostras, exposições que ocorreram dentro do recorte temporal de dois anos, entre fevereiro e dezembro de 2016 e o mesmo período em 2017. A

hipótese inicial se confirmou: as imagens registram, em quase sua totalidade, as feiras de iniciação científica, evento anual que ocorre no átrio do *campus* no qual são expostos *banners* com pesquisas realizadas pelos estudantes e docentes. Nas imagens, buscava-se algo do cotidiano escolar, porém, nada foi encontrado nas fotografias. Segundo relato de uma docente⁵, os espaços não são ocupados porque é necessário pedir autorização para colar cartazes, usar os corredores, fazer exposições, e esses procedimentos burocráticos engessam os desejos dos educadores. O exercício da docência solitário e recluso nas salas de aula é conflitante com o horizonte integrador de uma educação omnilateral, contudo, no *campus* Porto Alegre, essa prática é comum, por isso o PE proposto nesta investigação também deseja desestabilizar o *status quo* institucional através da provocação de mudança do fazer pedagógico docente.

“Roteiros Possíveis: criando exposições no espaço de Educação Profissional e Tecnológica”⁶ é categorizado como material textual. A elaboração do guia baseado nos três eixos de Kaplún (2003) foi aliado à vontade de desenvolver um material que pudesse ser utilizado por professores e estudantes em diferentes áreas do conhecimento, não ficando restrito a componentes curriculares que tradicionalmente trabalham com visualidades, como as linguagens artísticas. Constatado por meio das fotografias que o espaço do *campus* é pouco ocupado, propor roteiros é possibilitar às outras áreas do conhecimento um guia de como criar e desenvolver uma exposição para que os educadores, enquanto curadores⁷, possam expor trabalhos dos e com os educandos de forma que os mesmos tenham uma relação diferente com o que realizam no *espaçotempo* da EPT. O objetivo final do uso do guia está vinculado à formação integral humana por meio da materialização de uma exposição com potencialidade de experiência estética, capaz de transformar ou alterar significados que educandos e educadores dão aos processos de ensino-aprendizagem.

Dada formação inicial da pesquisadora em artes visuais e seu trajeto profissional em centros culturais e museus de arte, escolheu-se como inspiração visual a obra do artista

⁵A docente em questão foi uma das participantes da pesquisa, em resposta ao questionário aberto de avaliação do PE.

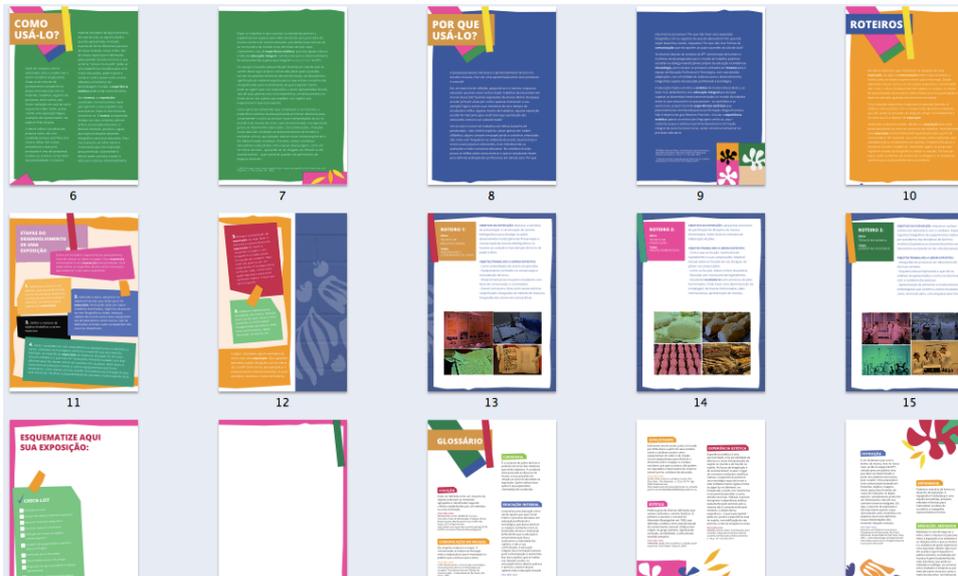
⁶O PE “Roteiros Possíveis: criando exposições no espaço de Educação Profissional e Tecnológica” será disponibilizado no Repositório de Recursos Educacionais Aberto – Portal eduCapes: <https://www.educapes.capes.gov.br/>

⁷O curador, segundo CURY (2005), é entendido como sujeito responsável pela (re)significação dos objetos participantes da exposição e dos discursos científicos e/ou comunicacionais.

francês Henri Matisse (1869-1954) (Figura 2). No fim da vida, Matisse já com os movimentos limitados pela idade, substituiu a pintura como técnica artística por recortes de papéis coloridos que eram dispostos no espaço da folha criando composições com colagens. A escolha por colagens é simbólica, pois evidencia os pares figura/fundo, espaço preenchido/vazio. Pensa-se que o processo educativo deve ser uma reflexão-ação que objetive a superação da lógica binária, que não encerre as possibilidades e sim trabalhe na união desses pares, deixando o porvir surgir, sem questionar se é ou não é do campo, por exemplo, da química ou da biblioteconomia produzir uma mostra com trabalhos, relatos, produtos das aulas⁸. Ao usar a simbologia da colagem no PE deseja-se diminuir as fragmentações, criar momentos dentro do *espaçotempo* de EPT historicamente tão rígido e tecnicista, que permitam que educandos vejam seus trabalhos de outra forma, pois ao expor para o “mundo” fora da sala de aula, estão se colocando por meio de seus escritos, seus experimentos, suas imagens e ressignificando-os. Com o “Roteiros Possíveis”, objetiva-se dar visibilidade ao cotidiano, ao que fica comumente confinado ao microcosmo da sala de aula para que a sensibilização estética possa existir, para que algo potente ocorra quando os educandos que produziram a exposição tenham uma experiência estética, um novo entendimento, uma nova perspectiva ou uma suspensão das certezas para elaborar algo novo, a partir de um novo olhar. O guia busca dar algumas direções para que seja montada uma exposição, mas os processos, os desvios, os atalhos dessa jornada serão próprios de cada grupo e dos sujeitos que o compõem.

⁸Expor independe da área do conhecimento, temos vários museus de ciências que dedicam-se à divulgação científica. Um exemplo é o Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS que possivelmente seja o museu mais conhecido da área de ciências no Rio Grande do Sul.

Figura 2 – Parte do miolo do PE, inspirado pela obra do artista Matisse.



Fonte: Autora, 2019.

“Roteiros Possíveis: criando exposições no espaço de Educação Profissional e Tecnológica” foi desenvolvido em formato PDF a fim de ser disponibilizado gratuitamente em repositório virtual com possibilidade de impressão, aos que desejarem uma cópia física do PE. O guia é composto dos itens básicos de uma publicação: apresentação, introdução, objetivos. Em seguida, como parte do desenvolvimento, de modo bastante didático e simples, explorou-se com linguagem acessível ao meio escolar o que expor, por que expor e como materializar a ideia da exposição, para que então fossem sugeridos os roteiros, que darão sugestões e exemplos para concretização da mostra. Ao fim, há um glossário com termos que são próprios do universo museológico e outras definições que dentro do contexto expositivo tomam significados diferentes, julgando serem importantes para uma melhor compreensão do ato de expor. As sugestões de leitura servem como apoio para os educadores e educandos que desejarem se aprofundar em temas da área de Museologia e exposições.

Como já mencionado, para investigar as potencialidades do PE, este foi avaliado por museólogos e professores de EPT do *campus* Porto Alegre. As respostas aos questionários abertos e os relatos de uso são descritos na análise de dados a seguir.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos dados, utiliza-se o modelo clássico proposto por Gil (2009), o qual consiste em uma abordagem exploratória que leva à ampliação de conhecimento sobre a temática pesquisada, dado que o material desenvolvido é inédito. Por meio da reunião, organização e sumarização de dados obtidos nos questionários e na testagem em aula, associados aos referenciais teóricos, objetiva-se identificar e descrever a interação dos participantes com o PE.

Os dados coletados na pesquisa foram obtidos por meio da aplicação de questionário aberto e do uso do produto em aula, com turmas de diferentes níveis de ensino no *campus* Porto Alegre. Foram convidados museólogos e professores para a avaliação do PE. Os participantes da área da Museologia escreveram suas percepções a partir da análise teórica do material educativo, do mesmo modo foi feito por alguns docentes que optaram por não testar o produto em aula. Aos que desejaram por em prática o PE, além do questionário, lhes foi pedido um relato do processo.

Para a avaliação dos museólogos, as perguntas foram enviadas juntamente com o PE com o pedido de avaliação dos diversos elementos que o compõe, desde a estética e conteúdo até a redação empregada no material. O objetivo de ter “Roteiros Possíveis” avaliado por profissionais da Museologia é qualificar o material no tocante a esta área do conhecimento, adequando-o para o uso no espaço escolar de EPT. As perguntas, tanto para os museólogos quanto para os professores, foram inspiradas nos três eixos de Kaplún (2003), que define material educativo como um objeto que facilita a aprendizagem e está diretamente ligado ao contexto no qual é aplicado, no caso, o espaço escolar de EPT. Para o autor, o material pode ser educativo sem ter sido pensado para tal fim, porém o fundamental para um material ser chamado de educativo é seu potencial de mudança, de transformar ou enriquecer a aprendizagem em algum nível, seja afetivo, conceitual ou atitudinal.

Para a criação de um material, ainda segundo Kaplún (2003), é preciso pesquisar a temática e realizar diagnósticos: ler sobre o tema, apropriar-se dos conceitos, identificar e conhecer o universo dos sujeitos a quem o material educativo é destinado, este seria o chamado eixo conceitual, uma espécie de aventura da criação, de processo de descobertas. Juntamente, temos o eixo pedagógico, como articulador de possibilidades dos outros dois eixos (conceitual e comunicacional) a partir de ações tais como conhecer os educandos e suas percepções sobre o assunto, para se partir do que já é conhecido, para realizar o diagnóstico, o

qual consiste em traçar os caminhos possíveis para o destino que se escolheu. O eixo pedagógico pretende provocar conflitos conceituais, afetivos, comportamentais, deseja ser experiência (LARROSA, 2018). O terceiro e último elemento é o eixo comunicacional, designado como a etapa artística, onde se pode jogar, brincar com as possibilidades do material.

A partir do exposto, foram elaboradas perguntas para o questionário aberto que contemplassem a avaliação dos três eixos existentes na construção de um PE: o conceitual, o pedagógico e o comunicacional. As questões presentes no questionário que foram analisadas são as seguintes: “Roteiros Possíveis” é de fácil compreensão e estimula o intercâmbio entre espaços museais e espaços escolares? Faça comentários a respeito da estética e organização do guia, assim como o estilo da redação e a escolha dos conteúdos. Avalie os aspectos museológicos abordados no produto educacional.

A avaliação dos museólogos considerou “Roteiros Possíveis: criando exposições no espaço de EPT” um PE satisfatório, que contempla conteúdos pertinentes de forma clara, responde ao que se propõe ao tecer diálogo entre escola e museu. Foram coletados dados de cinco participantes, cujas identidades são preservadas.

As perguntas que compõem o questionário dizem respeito aos eixos pedagógico, comunicacional e conceitual de Kaplún (2003), traduzidos em perguntas sobre acessibilidade e estímulo que o PE em questão traz, aos conteúdos e à estética, assim como a adequação dos conceitos e termos museológicos trazidos para a EPT. As museólogas, em referência ao eixo pedagógicos, destacam que o guia é de fácil compreensão devido ao uso de exemplos, e além disso, o produto desmistifica a prática de que exposições só são possíveis no espaço museal, trazendo possibilidades de exposição em situações de educação formal. Já para outra museóloga participante, o guia precisa ser mais objetivo, apesar de levantar questionamentos pertinentes, e adiciona que o PE poderia ter textos curtos e com linguagem menos teórica, *“uma vez que um roteiro pressupõe um modo de comunicação mais direto e prático”*. Entretanto, o “Roteiros Possíveis” tem como público principal os sujeitos da EPT, tanto educandos como educadores, assim, entende-se que os potenciais usuários do guia já possuem algum conhecimento e repertório cultural que os permita dar conta dos textos presentes no PE. Para uma das participantes, em resposta à demanda sobre estética e organização, que encapsula os três eixos de Kaplún (2003), assim como o estilo da redação e a escolha dos conteúdos, reflete sobre a coerência do conteúdo *“facilitando a compreensão de qualquer professor, profissional da educação ou instituição a pô-lo em prática se quiser”*. Ainda em

relação aos comentários sobre a estética e organização do guia, outra museóloga coloca a importância do produto para a formação da cidadania crítica dos educandos, lembrando que o PE em questão foi criado pensando em um contexto específico, não para ser utilizado por museus e “*sim um guia para uma prática didática dentro do ensino formal, aplicado à EPT*” .

Algumas sugestões foram dadas pelos avaliadores como o uso de *gifs*, gráficos e esquemas animados, para tornar o PE mais interativo. Porém, tais recursos têm funcionalidade restrita ao meio digital. Em mais de um questionário, foi mencionada a necessidade de incluir recursos acessíveis a deficientes visuais e auditivos, sugestões importantes que ficarão para a continuidade desta pesquisa no futuro. Houve a sugestão de incluir itens no glossário, como “patrimônio” e outros *links* para livros e *websites* nas referências – sugestões que foram acatadas e incluídas na versão final de “Roteiros Possíveis”. Concluindo, o material educativo, segundo a avaliação dos participantes com formação em Museologia, está adequado em seu conteúdo para o uso a que se destina.

A avaliação docente contou com uma amostra de quatro professoras que responderam ao questionário, e duas destas aplicaram o PE em suas aulas. As duas docentes que optaram pela avaliação do PE de modo teórico são professoras que lecionam em diferentes cursos, do nível técnico à graduação. Em comum em seus discursos, destaca-se a crítica à estrutura institucional demasiadamente burocrática que não favorece dos processos de ensino-aprendizagem inovadores no *campus* Porto Alegre. Para estas docentes, não é apenas a questão do prédio da instituição ser vertical, ter área aberta reduzida ou estar do centro da cidade, mas sim de um ambiente muito tradicional e pouco estimulante, tanto no espaço físico quanto nas ações pedagógicas. Para ambas, o *campus* Porto Alegre é uma instituição que poderia ter a gestão dos espaços comuns facilitada, para tornar-se mais convidativa à ocupação de projetos de estudantes e professores.

No início da pesquisa, imaginava-se que a criação de um PE com conteúdo instigante, inédito para o ensino formal e visualmente atrativo, conseguiria motivar os docentes do *campus* Porto Alegre a ocuparem os espaços daquele prédio histórico. Porém, constatou-se que há outras questões que atravessam o cotidiano de uma instituição escolar, como as demandas variadas nas três áreas de atuação do IFRS: a pesquisa e a extensão, além do ensino.

As professoras que citaram questões institucionais como entraves para um aproveitamento mais criativo dos espaços também relatam que já tentaram romper com o conservadorismo de diferentes formas ao ocupar murais sem a autorização institucional, ou

fizeram tentativas de cativar os colegas docentes convidando-os a participar de projetos de extensão onde outras formas de expressão para o ensino são bem-vindas, porém, o engajamento nessas ações é baixo e os frutos são miúdos, pois fazer algo diferente, requer arriscar-se e desacomodar-se. Contudo, compreende-se que, historicamente, a instituição ainda privilegia a educação técnica em relação à estética. Esta realidade foi fato basal na elaboração do PE, visto que o mesmo tem como princípio dialogar com o seu público de forma adequada para que seja compreendido como um material de valor para o ensino-aprendizagem no *campus* Porto Alegre, tanto quanto se fosse um produto técnico. O desafio residia em desenvolver um PE que chamasse a atenção para algo ainda pouco explorado na EPT: a educação estética.

Apesar da baixa adesão de voluntários, duas professoras concordaram em utilizar o material em aula, pois acreditaram que o PE associado as suas práticas poderiam contribuir para uma formação integral de seus educandos (FREIRE, 1988; RAMOS, 2011). Uma delas, cheia de ideias inovadoras, aplicou o PE com duas turmas de diferentes semestres de uma disciplina com prática laboratorial, do curso técnico em nível médio. A proposta foi realizada pelo grupo veterano, que preparou uma série de fotografias tiradas durante as aulas de laboratório no semestre anterior, de 2018/2, nas quais foram registrados processos químicos obtidos nas práticas. A exposição foi pensada pela docente em conjunto com os educandos, como uma curadoria compartilhada. Partindo das imagens mencionadas, expuseram digitalmente uma animação projetada na parede do corredor do andar onde ficam os laboratórios. No formato animado, fotos feitas pelos estudantes no semestre anterior foram manipuladas de forma bem-humorada e viraram *memes*, *gifs* ou tiveram a adição de *emojis* relatando como são algumas situações vividas no laboratório. A intenção da professora era provocar nos calouros, público-alvo da mostra, uma curiosidade investigativa em relação à disciplina (Figura 3).

Figura 3 – Exposição da animação criada pelos estudantes veteranos.



Fonte: Professora, 2019.

Os dois grupos assistiram o vídeo, mas em momentos diferentes. Com os veteranos, protagonistas das imagens apresentadas, a docente percebeu que houve maior interação. A turma de calouros assistiu o vídeo antes da primeira aula do semestre, como um *trailer* do que viria a ser a disciplina. Observando esse grupo, a docente inferiu que, mesmo curiosos, houve menos interesse da parte dos educandos, pois algumas piadas na animação só fazem sentido para quem já vivenciou tais situações laboratoriais. A professora revelou que o uso do PE motivou-a a trabalhar com o recurso em outros semestres, e que há a intenção de passar o mesmo vídeo em outro momento, no final da disciplina para ver se os calouros se identificam mais, alteram suas reações, pois ela acredita que após entrarem em laboratório, essas imagens, associadas às vivências, terão novos significados.

Segundo a professora, o vídeo teve um efeito motivador também para os educandos, uns lembraram as aulas no laboratório e outros, mesmo sem compreender tudo, ficaram curiosos com o porvir. A docente comentou que pensa em tornar o PE um recurso didático para fazer uma espécie de histórico ao longo do curso, um memorial, no qual os estudantes realizam registros e depois criam uma sequência animada, a qual poderá até mesmo ser apresentada na formatura.

A outra professora que utilizou “Roteiros Possíveis: criando exposições no espaço de Educação Profissional e Tecnológica” em aula decidiu realizar um projeto de exposição envolvendo quatro turmas, de diferentes níveis que teria como fio condutor o estudo de

autores clássicos da disciplina que ministra. A docente atua no *campus* Porto Alegre lecionando no PROEJA, nos Técnicos Subsequentes e também em um Curso Superior de Tecnologia. A professora, juntamente com estagiários de licenciatura, propôs às turmas que realizassem pesquisas sobre determinados autores e sistematizassem o conhecimento em forma cartazes (*banners*) que comporiam uma exposição no átrio do *campus* tendo todas as turmas, de diferentes níveis de ensino, como participantes.

Enquanto curadora, a docente quis fazer uso do conceito de verticalização do ensino⁹ para trabalhar o mesmo tema em diferentes turmas com diferentes complexidades, a fim criar uma mostra com *banners* no átrio do *campus*. Para tanto, a turma de PROEJA foi designada a pesquisar a biografia e o conceito de sociedade em cada um dos três teóricos, as turmas de Técnicos investigaram conceitos fundamentais, contexto histórico e a importância das ideias dos autores. Por fim, a turma do Curso Superior discutiu, de modo mais aprofundado, conceitos e ideias dos mesmos teóricos. Por se tratar de uma atividade iniciada nas primeiras semanas do semestre, a professora trouxe a proposta para os educandos já com a intenção declarada de expor, portanto, todos sabiam de antemão que suas produções seriam vistas por seus pares e pela comunidade do *campus*.

Ao todo, foram quase oito semanas de envolvimento, entre apresentação da proposta de trabalho e abertura da exposição para o público, que teve duração de dois dias e contou com a mediação realizada por alguns educandos, fato que gerou certa ansiedade nos participantes, pois para muitos, seria a primeira vez que iriam expor e se expor, mediando a mostra para os visitantes. Nessa etapa, observou-se o gradual envolvimento e a culminação da experiência estética na montagem da exposição e no dia seguinte, quando a mostra já estava aberta ao público. Uma das estudantes confessou à professora que não fazia ideia de como aquele trabalho seria transformador, pois nunca pôde mostrar aos outros o que estava aprendendo na escola e, finalmente, com a exposição, pode mostrar e mostrar-se.

A turma de PROEJA rendeu mais relatos da docente, muito por ser um grupo heterogêneo, com diferentes tempos, diversas idades e visões de mundo. Houve dúvidas e ansiedade sobre como pesquisar, selecionar as informações, diagramar um *banner*, as cores e fontes que deveriam ser usadas, foi um grande desafio de acordo com a professora. Porém, aos poucos foi-se compreendendo o que seria a mostra e o crescente envolvimento dos

⁹O termo, para os Institutos Federais, diz respeito ao fazer docente atuante em diferentes níveis de ensino, onde há o compartilhamento de espaços pedagógicos com os estudantes e a construção de itinerários formativos, de nível técnico à pós-graduação.

estudantes na criação do material foi percebido, contribuindo para o sentimento de autoria e autonomia observado no fim do processo.

Na etapa final, a montagem da exposição e a abertura da mostra, pode-se perceber que os educandos sentiam-se duplamente expostos: seus conhecimentos materializados nos *banners* e seus corpos no átrio do IFRS, visíveis para todos que entravam no prédio. Estavam “ex-postos”, se modificando através dessa experiência estética, que criou deslocamentos nesses indivíduos ao possibilitar pensar sobre outros modos de ser no *espaçotempo*, ao mostrar para os outros o que se sabe, ao se ver de um modo novo, talvez inimaginável, ao sentir-se apropriado de seus conhecimentos(LARROSA, 2002; PEREIRA, 2011).

A exposição e todo o seu processo desenvolveram nos participantes desafios de pesquisa, de trabalho em grupo, de autonomia, de resgate de autoestima dos educandos e de articulação pedagógica docente. Os educandos, mais que as pesquisas em seus *banners*, desempenharam novos papéis, eram protagonistas na exposição. A professora concluiu que a mostra deu visibilidade aos educandos, sujeitos que, devido a diferentes histórias de vida, não raro são invisíveis socialmente, e buscam na escolarização, mesmo que tardia, reconhecimento (Figura 4).

Figura 4 – vista da montagem da exposição realizada pelos estudantes do PROEJA, no átrio do *campus*.



Fonte: Autora, 2019.

Os usos práticos do PE em aula revelaram que as lógicas e os saberes das práticas na experiência educativa, para acontecerem, ainda necessitam ser mediadas por operações de categorização, tematização e organização. Essa sistematização é própria do ambiente de ensino formal e se faz importante, no entanto, tão fundamental quanto ou complementar a isso, é o sentido de realidade que se dá ao que se faz para sentir-se pertencente ao *espaçotempo* habitado pelos sujeitos da EPT, nas situações expostas. Quanto à afirmação da ocorrência de experiências estéticas nos processos relatados, pode-se dizer que, dadas as muitas subjetividades que envolvem o experienciar-se e a comunicação dessa experiência, alguns participantes criaram estratégias e reivindicaram para si a experiência educativa como uma experiência estética, em alguma maneira sentiram-se parte, modificaram-se e transformaram-se a partir do que foi vivido (LARROSA, 2002, 2018).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os diferentes repertórios das formações acadêmicas dos avaliadores por certo foram influentes na avaliação e no uso de “Roteiros Possíveis: criando exposições no espaço de Educação Profissional e Tecnológica”. Porém, de modo geral, os museólogos enxergaram a importância do uso de recursos museológicos abordados no PE para a instituição de EPT e o consideraram um material com potencial para desmistificar o museu enquanto único espaço expositivo, qualificando o espaço escolar. Com relação aos docentes, alguns sentiram necessidade de explicações prévias à leitura do PE, outros, de modo independente, utilizaram-no como compreenderam. As diferentes percepções dos participantes foram fundamentais para reforçar a diversidade do ensino em EPT: é preciso ir além do que está dado para se fazer algo significativo, transformador. O PE sozinho não é suficiente para transformar o *espaçotempo* em experiência estética, o fator humano e as condições de trabalho são condicionantes para o êxito do material. Além disso, é preciso conhecer o que é a EPT para entender os sujeitos que dela fazem parte e o universo de ensino-aprendizagem que ali existe.

Evidentemente, o cotidiano escolar é demasiado estressante e atarefado, contudo, há algo a mais no que deixa de ser dito ou feito. Para Alves (1998), o espaço escolar nos dá indicações do que não está explícito na instituição de ensino, mas que cotidianamente está presente nela. Os educadores têm papel crucial no fomento dos desejos, perceptível na materialização das duas exposições realizadas. Assim, a partir dos resultados obtidos, compreende-se que o aprofundamento desta pesquisa poderá ser o germe de outra, pois percebe-se a necessidade de dar continuidade aos estudos sobre experiência estética, cotidiano e *espaçotempo* tentando contribuir para a disseminação científica da EPT, insistindo na importância da formação integral dos sujeitos que fazem parte dela. Dessa forma, esta investigação finaliza com a esperança de colaborar para a qualificação dos estudos em EPT e com aqueles que estabeleçam diálogos entre a formação integral e áreas interdisciplinares, como a Museologia e a educação. Ao fim desta trajetória é possível depreender que a produção de materiais educativos como “Roteiros Possíveis” pode contribuir para um caminho novo na EPT, que almeja o desenvolvimento estético como elemento constituinte da formação humana e integral.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda.. **O espaço escolar e suas marcas**– o espaço escolar como dimensão material do currículo. Rio de Janeiro: D, P & A, 1998.

ALVES, Nilda. Imagens das escolas: sobre redes de conhecimentos e currículos escolares. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 17, p. 53-62, Junho 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010440602001000100005&lng=en&nrm=iso Acesso em 24 jun.

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Imagens de escolas: espaçostempos de diferenças no cotidiano. **Educ. Soc.**, Campinas , v. 25, n. 86, p. 17-36, Abr. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302004000100003&lng=en&nrm=iso Acesso em 24 jun. 2018.

ARAUJO, Ronaldo M. de L.; RODRIGUES, Doriedson S. Referências sobre práticas formativas em educação profissional: o velho travestido de novo frente ao efetivamente novo. **B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof.**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2 maio/ago. 2010.

BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes. Narrativas museais: diálogos possíveis entre a história pública, acadêmica e ensinada (Dossiê: Gestão, Educação e Patrimônio Cultural). **e-hum**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 107-115, jun. 2015. Disponível em: <http://revistas.unibh.br/index.php/dchla/article/view/1528>>. Acesso em: 05 Jan. 2019.

BRUNO, M. C. O. (Coord.); ARAUJO, M. M.; COUTINHO, M. I. L. (Col.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca; ICOM, 2010. v. 1.

BUCHMANN, **Luciano Parreira**. Escolares nos museus: Ensaio do novo público como ato político de educadores intelectuais. **MIDAS** [Online], 3 | 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/midas/463>>. Acesso em: 05 Jan. 2019.

ClAVATTA, M. Formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e identidade. In: FRIGOTTO, G.; ClAVATTA, M.; RAMOS, M. (Org.). **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 83-105.

CURY, Marília Xavier. **Comunicação museológica: uma perspectiva teórica e metodológica da recepção**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2006.

CURY, Marília Xavier. Educação em museus: panorama, dilemas e algumas ponderações. **Ensino em Re-Vista**, v. 20, n. 1, p. 13-28, jan./jun. 2013.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. 9a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Kelly Amaral; SIMAN, Lana Mara de Castro. O Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos no movimento da democratização dos museus (Dossiê: Gestão, Educação e Patrimônio Cultural). **e-hum**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 116-120, jun. 2015. ISSN 1984-767X. Disponível em: <<http://revistas.unibh.br/index.php/dchla/article/view/1521>>. Acesso em: 05 Jan. 2019.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1991.

GADOTTI, Moacir. **Educação integral no Brasil: inovações em processo**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

GADOTTI, Moacir. **Qualidade na educação: uma nova abordagem**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Estudo de caso**. São Paulo: Atlas, 2009.

HERMANN, Nadja. Razão e sensibilidade: notas sobre a contribuição do estético para a ética. **Educação e Realidade**. V. 27, n.1, jan/jun 2002. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25936> Acesso em: 30 de novembro de 2017.

HERMANN, Nadja. **Ética e estética: a relação quase esquecida**. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

JESUS, Rodrigo Poltosi Gomes de. **Guia de arquitetura de Porto Alegre**. Porto Alegre : Escritos, 2016.

KAPLÚN, G. Material educativo: a experiência de aprendizado. **Comunicação & Educação**, n. 27, p. 46-60, 30 ago. 2003.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LODER, Luiza Ludwig. **Reconfigurando Gladosh : estratégias para intervenção arquitetônica no Edifício Mesbla como sede do IFRS - Campus Porto Alegre**. Dissertação de mestrado em arquitetura UFRGS, 2014.

MAUTNER, Jorge. Negros Blues In: MAUTNER, Jorge. **Bomba de estrelas**. Rio de Janeiro: WEA, 1981.1 CD. Faixa 9.

MOREIRA, Marco A. **Pesquisa em ensino: métodos qualitativos e quantitativos**. São Paulo: Ed Livraria da Física, 2011.

MOURA, Dante H. Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração. **HOLOS**, [S.l.], v. 2, p. 4-30, mar. 2008.

MOURA, Dante H. Ensino Médio e educação profissional: dualidade histórica e possibilidades de integração. In: MOLL, Jaqueline. **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades**. Porto Alegre: Artmed, 2010

MOURA, Dante H. **Trabalho e formação docente na educação profissional**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. Disponível em: <http://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2016/05/Trabalho-e-Forma%C3%A7%C3%A3o-Docente.pdf> Acesso em 1º de dezembro de 2017.

OLIVEIRA, Genoveva. O museu como um instrumento de reflexão social **MIDAS** [Online], 2 | 2013. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/midas/222>>. Acesso em 05 Jan. 2019.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de história. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo , v. 30, n. 60, p. 143-154, 2010 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882010000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 Jan. 2019.

PEREIRA, Júnia Sales; CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. Sentidos dos tempos na relação museu/escola. **Cad. CEDES**, Campinas , v. 30, n. 82, p. 383-396, dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622010000300008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 04 jan. 2019.

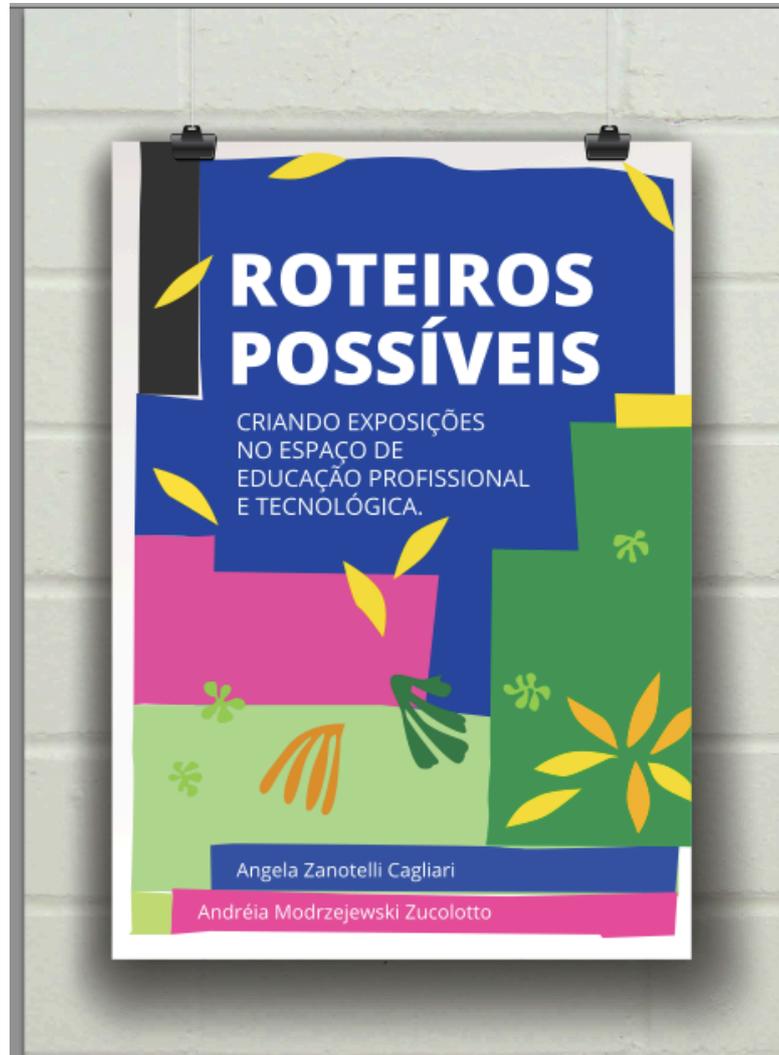
PEREIRA, Marcos Villela. Contribuições para entender a Experiência Estética. **Revista Lusófona de Educação**, América do Norte, n. 18, p. 111-123, dez. 2011.

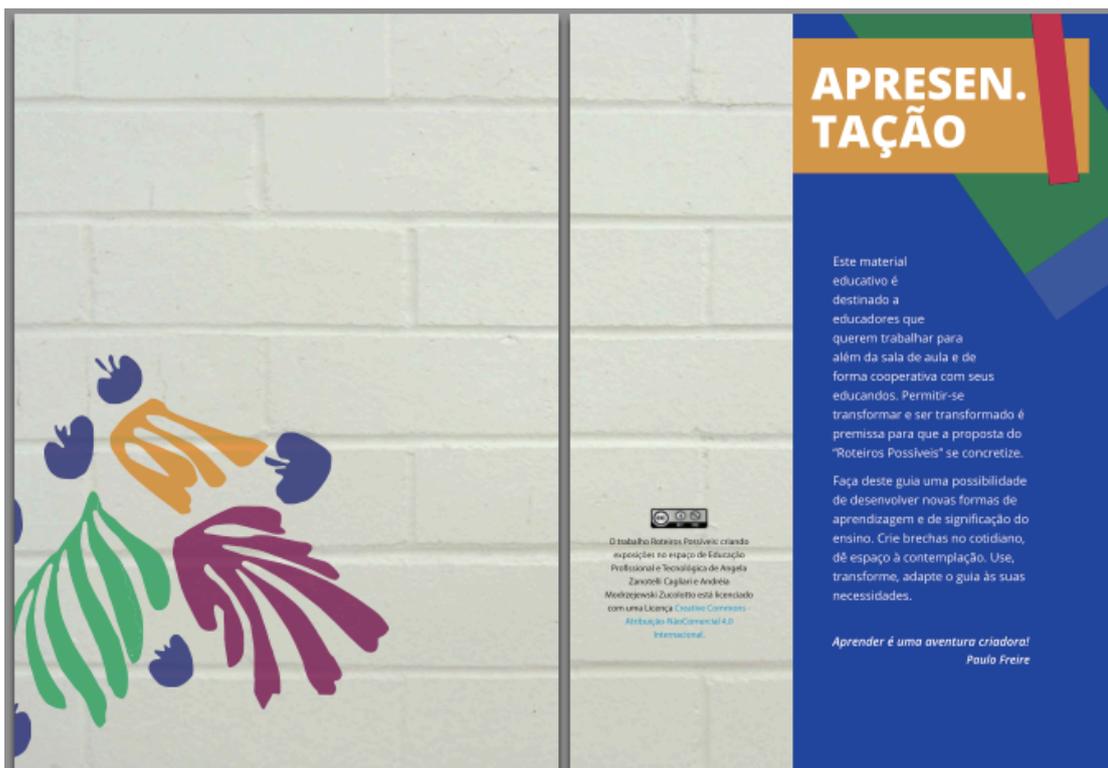
RAMOS, Marise. **Políticas e diretrizes para a educação profissional no Brasil**. Instituto Federal do Paraná. Curitiba: 2011.

RANGEL, Vera. Porto Alegre – patrimônio ao alcance do cidadão. In: GUIMARAENS, C., RANGEL, V. BERTOTTO, M. (Orgs.). **Museologia Social e Cultural**. Rio de Janeiro: Editora Riobooks/FAPERJ, 2015.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Museu e Educação: conceitos e métodos. **Ciências e Letras (Porto Alegre)**, Porto Alegre, v. 31, 2002.

VERGARA, Ildaiane Pintanela. Brincando para Lembrar, Memória e Patrimônio na Contemporaneidade. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 102-105, mar. 2016. ISSN 2525-7870. Disponível em: <<http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/52>>. Acesso em: 30 Dez. 2018.

APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL



APRESENTAÇÃO

Este material educativo é destinado a educadores que querem trabalhar para além da sala de aula e de forma cooperativa com seus educandos. Permitir-se transformar e ser transformado é premissa para que a proposta do "Roteiros Possíveis" se concretize.

Faça deste guia uma possibilidade de desenvolver novas formas de aprendizagem e de significação do ensino. Crie brechas no cotidiano, dê espaço à contemplação. Use, transforme, adapte o guia às suas necessidades.

Aprender é uma aventura criadora!
Paulo Freire

O trabalho Roteiros Possíveis: criando exposições no espaço de Educação Profissional e Tecnológica de Angéla Zavotti, Cajalite e Andréia Atenciozowski Zavotti está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional.



O QUE É?

Roteiros Possíveis é um produto educacional que também pode ser chamado de material educativo, pois é um objeto que busca realizar a **mediação** entre o processo de ensinar-aprender, entre o educador e o educando, e está diretamente ligado ao contexto ao qual é aplicado¹. A intencionalidade da construção do material não o define como educativo, o fundamental para um material ser assim chamado é seu potencial de mudança, de transformar ou enriquecer a aprendizagem em algum nível, seja afetivo, conceitual ou atitudinal.

O guia Roteiros Possíveis é produto de uma pesquisa em ensino e educação, e conta com a parceria entre educadores e educandos para ser transformador, tornar-se educativo. Seu objetivo maior é contribuir para a formação integral dos sujeitos que fazem parte da Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Contudo, esta proposta pode ser utilizada em outros níveis educacionais, como na educação básica em seus diferentes níveis. Ser interdisciplinar é de sua natureza, podendo qualquer área do conhecimento apropriar-se do Roteiros Possíveis.

¹Para saber mais, ver: KAPLUN, G. Material educativo: a experiência de aprendizado. Comunicação & Educação, n. 27, p. 49-61, 30 ago. 2005.

Nas próximas páginas, você entenderá como alguns recursos amplamente utilizados em **museus** podem ser transpostos para a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) de forma a valorizar o processo de ensino-aprendizagem dos que almejam uma **educação integral**. A ideia de **educação integral** busca incorporar no processo educativo todas as dimensões da vida dos educandos visando diminuir as diferenças históricas e sociais entre os oprimidos e os opressores com o objetivo de formar cidadãos críticos capazes de interferir em suas realidades. A educação aqui é pensada como emancipadora de sujeitos que em vez de fragmentados, sejam inteiros e compreendidos como seres históricos e sociais, participantes de um todo em um contexto também determinado sócio e historicamente.

Um glossário foi preparado para melhor compreensão de alguns termos "estrangeiros" à educação, além de sugestões de leitura e de exemplos de exposição e de desenho expositivo. **As palavras em negrito constam no glossário.**

A única condição exigida para colocar em prática as propostas do guia é permitir-se experimentar e experimentar situações novas e colaborativas dentro do **espaço-tempo** da Educação Profissional e Tecnológica ou do seu contexto educacional.



COMO USÁ-LO?

Você, em conjunto com os educandos, será o curador (ver o termo curadoria no glossário). Dispa-se do controle do planejamento e proponha no grupo uma exposição com os materiais, trabalhos, registros de processos, entre outros, que foram realizados em sala de aula e vá para fora dela. Vocês, juntos, criarão uma exposição! Alguns exemplos são apresentados nas páginas finais do guia.

A ideia é utilizar o produto das próprias aulas, não criar novidades porque será feita uma mostra. Olhar com outras perspectivas o que já foi produzido é uma das propostas. Lembre-se: estamos no território das possibilidades. O mesmo

material resultante de algum processo em sala de aula, ou algum trabalho, quando apresentado, montado, exposto de forma diferente é passível de novas histórias, novas visões. Sair do reduto seguro que é delimitado pelas paredes da sala e mostrar o que se faz lá, "colocar no mundo", pode ser uma experiência inovadora para você e seus educandos, pode inspirar e conduzir vocês e quem visita a novas reflexões e momentos de aprendizagem. E então, a **experiência estética** pode se dar nesse território.

Nos **museus**, as **exposições** constituem um instrumento-chave para permitir o acesso público aos seus acervos. Expor é uma forma de comunicar-se. O **museu** via exposição dialoga com seus visitantes, põe em prática sua vocação educativa. O Roteiros Possíveis, portanto, sugere que expor produções discentes ressignifica o processo educativo. Para isso, é preciso um olhar atento e criativo para que uma exposição possa estimular, surpreender e educar quem a produz e quem a visita, por acaso ou intencionalmente.

Expor os trabalhos e seus autores, no sentido de permitir a experiência em espaços para além da sala de aula, para além da mesma turma e do mesmo educador, possibilita novas leituras do eu no mundo e do mundo no eu de modo sensível. Aqui, chamaremos isso de **experiência estética**, que está ligada à ética e à ideia de **educação integral**, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos que integram o *espaçotempo* de EPT.

Os espaços ocupados pela produção discente em sala de aula ao saírem desse lugar próprio e encerrado pelas quatro paredes, tornam-se potentes territórios de transformação, de descoberta e significação do material exposto para os que visitam a mostra e de ressignificação para os produtores do que é exposto. Assim, pode-se sugerir que criar exposições a serem apresentadas fora da sala de aula, permite uma nova experiência, um deslocamento no modo de ser dos sujeitos que expõem, nos sujeitos que experiendam o que está exposto.

Como parte das dimensões que constituem o ser humano, a experiência estética na educação pode promover aberturas para compreender o outro ao acessar novas interpretações do eu no mundo e do mundo em mim, como já mencionado. A proposta do guia é, ao desenvolver exposições, criar provocações, situações novas para dar condições ao desenvolvimento de homens e mulheres críticos, que possam realizar novas interpretações de si em determinados contextos. Portanto, vamos considerar educadores e educandos como espaço de passagem, como um território sensível – que pode ser de chegada, de trânsito ou de acontecimento – que é possível quando nos permitimos ser espaços sensíveis².

²LARTIOSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 13, p. 20-28, Abr. 2002.

POR QUE USÁ-LO?

A pesquisa proposta não busca o aprofundamento técnico nos estudos museais, mas sim uma aproximação entre seus processos e a escola¹.

Em um exercício de reflexão, pergunte-se a si mesmo, enquanto educador: quantas vezes você já expôs trabalhos de educandos em murais da escola? Quantas exposições de alunos dentro do espaço escolar já foram vistas por você e quantas chamaram a sua atenção? Agora acesse suas memórias de seus tempos de estudante e reflita: alguma mostra de trabalhos, alguma exposição escolar foi marcante para você? Será que a produção dos educandos costuma ser subvalorizada?

Um ou outro mural com trabalhos em folhas tamanho A4 pendurados - sem critério explícito, talvez apenas em ordem alfabética, alguns cartazes em papel pardo e cartolinas amassadas são vistos com frequência no ambiente da escola. Quanto mais o ensino avança para os educandos, mais individuais são as avaliações e todo o processo educativo. No cotidiano escolar, pouco se reflete sobre como mostrar o que os estudantes fazem para além da avaliação dos professores em sala de aula. Por que

não mostrar processos? Por que não fazer uma exposição fotográfica com os registros da aula de laboratório? Por que não expor desenhos, textos, maquetes? Por que não criar formas de **comunicação** que extrapolem as quatro paredes da sala de aula?

Se estamos falando do contexto da EPT, da formação de homens e mulheres sendo preparados para o mundo do trabalho, podemos acreditar no diálogo interdisciplinar próprio da educação e também da **museologia**, para transpor os processos utilizados em **museus** para o espaço da Educação Profissional e Tecnológica, com suas devidas adaptações, com a finalidade de colaborar para o desenvolvimento integral dos sujeitos da educação profissional e tecnológica.

A educação implica em ética e **estética** de modo indissociável e, ao fazer isso, defendemos uma **educação integral** que busque superar as dicotomias historicamente dadas no mundo do trabalho entre os que executam e os que pensam - os oprimidos e os opressores, proporcionando **experiências estéticas** que potencialmente contribuam para essa formação integral humana. Não é objetivo do guia Roteiros Possíveis vincular a **experiência estética** apenas ao ensino das linguagens artísticas, aqui - sustenta-se que a estética é parte fundamental na formação integral de seres humanos livres, sendo um tema transversal no processo educativo.

PEREIRA, Marcos Wilela. Contribuições para entender a Experiência Estética. Revista Brasileira de Educação, América do Norte, n. 18, p. 111-123, dez. 2013.

¹O termo escolar, nessa pesquisa, refere-se ao contexto da Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

ROTEIROS

10

Há vários elementos que interferem na recepção de uma **exposição**, ou seja, na **comunicação** entre o que se mostra, a forma como se mostra e quem visita o que é mostrado. Desde elementos visuais como a cor do espaço expositivo e a iluminação até o som, a altura ou disposição dos objetos no espaço, os textos de apresentação, entre outros: tudo influencia a nossa percepção e deve ser pensado quando uma mostra é concebida.

Criar situações expositivas é algo que se aprende fazendo, se melhora com a prática, com a conquista de repertórios estéticos que vão sendo acumulados ao longo do tempo. O fundamental é ter claro qual é o objetivo da **exposição**.

Você pode, enquanto curador, decidir se a **exposição** terá como ponto de partida um tema ou processos de trabalhos. Normalmente, uma **exposição** é mais interessante quando pensada a partir de uma temática. Por exemplo: seus educandos estão realizando uma atividade prática no laboratório de química. O objetivo da aula é o estudo de funções inorgânicas. Você pode sugerir ao grupo que registrem através da fotografia ou vídeos as reações. Na hora de expor, pode-se montar um mural com as imagens e os compostos na forma pura e em produtos do uso cotidiano.

ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO DE UMA EXPOSIÇÃO

Este é um momento importante de planejamento, hora de colocar as ideias no papel. Uma **exposição** interessante é uma **exposição** bem planejada. Você pode utilizar as sugestões abaixo como orientação para elaborar o seu plano expositivo:

1. Selecionar o tema a ser exibido, que seja preferencialmente de interesse direto dos estudantes/dá comunidade. A definição da temática dará coerência à **exposição**.

2. Definido o tema, selecionar os objetos/materiais que farão parte da **exposição**. Você pode optar por expor trabalhos terminados, registros de processos em fotografia ou vídeo, esboços, objetos de uso em aula (como equipamentos de laboratório), entre outros, não há definições e limites, tudo vai depender dos recursos disponíveis.

11

3. Definir o número de objetos/trabalhos a serem expostos.

4. Listar e providenciar com antecedência os equipamentos e utensílios a serem utilizados na montagem conforme o material que será exposto. Exemplo, se tratando de **exposição** de materiais de papel: fio de nylon, tesoura, estilete e o que mais for necessário, tomando cuidado com fitas adesivas que não devem entrar em contato com as peças. Além disso, é necessário providenciar móveis e outros equipamentos que forem necessários, como mesas, murais, escada, ferramentas para fixação do que será mostrado. Verificar a disponibilidade de tomadas e iluminação do local.

12

5. Planejar a disposição da **exposição** ou seja, fazer o desenho (a planta baixa) da **exposição** de modo a visualizar o espaço a ser ocupado e o espaço para circulação do visitante. Aqui, você não precisa ser um especialista, esta etapa serve, acima de tudo, como orientação espacial e para você conhecer melhor o local que será ocupado.

6. Elaborar material para divulgação da mostra. Atenção para uso de texto claro e curto contendo as informações fundamentais da mostra: data, local, participantes, apoio, descrição do evento, etc.

A seguir, são dados alguns exemplos de como criar uma **exposição**. São sugestões pensadas a partir de quatro cursos ofertados na EPT como forma de exemplificar a proposta deste material educativo. A estes exemplos, daremos o nome de Roteiros.

ROTEIRO 1:

ÁREA:
TÉCNICO EM
BIBLIOTECOMIA.

TEMA:
PRESERVAÇÃO E
CONSERVAÇÃO DE LIVROS

OBJETIVO DA EXPOSIÇÃO: destacar a temática de preservação e conservação de acervos bibliográficos para divulgar as ações desenvolvidas na disciplina de Preservação e Conservação de Acervos Bibliográficos no tocante ao cuidado e manutenção de livros de papel e afins.

OBJETOS/TRABALHOS A SEREM EXPOSTOS:

- Livros antes/depois de serem recuperados
- Equipamentos utilizados na conservação e manutenção de livros.
- Material textual escrito pelos estudantes com dicas de conservação e curiosidades.
- Painel com texto e fotos (com textos teóricos simplificados, fotografias de método de restauro, fotografias dos alunos em aula prática).

13



ROTEIRO 2:

ÁREA:
TÉCNICO EM
PANIFICAÇÃO.

TEMA:
MASSAS FERMENTADAS.

OBJETIVO DA EXPOSIÇÃO: apresentar processos de panificação da disciplina de massas fermentadas. Exibir diversos métodos de elaboração de pães.

OBJETOS/TRABALHOS A SEREM EXPOSTOS:

- Com o que se faz pão: mostruário de ingredientes e suas composições. Material textual sobre as funções do sal, da água, do glúten nas preparações.
- Como se faz pão: vídeos e fotos da padaria.
- Bancada com mostruário de ingredientes.
- Estudante **mediadores** com amostras de pães fermentados. Pode haver uma demonstração de modelagem de massas fermentadas, pães internacionais, apresentação de receitas.

14

**ROTEIRO 3:**

ÁREA:
TÉCNICO EM QUÍMICA.

TEMA:
QUÍMICA NA SOCIEDADE.

OBJETIVO DA EXPOSIÇÃO: relacionar conhecimentos em laboratório com o cotidiano. Expor registros fotográficos de experimentos realizados por estudantes das disciplinas de Química Analítica (Qualitativa ou Quantitativa) feitos em laboratório associando ao dia a dia das pessoas.

OBJETOS/TRABALHOS A SEREM EXPOSTOS:

- Fotografias de processos em laboratório de técnicas variadas.
- Esquema textual explicando o que são as análises ali apresentadas e como se relacionam com o cotidiano das pessoas.
- Apresentação de alimentos e medicamentos (embalagens) que contêm o analito estudado, como um mostruário, com etiquetas descritivas.

15



ESQUEMATIZE AQUI SUA EXPOSIÇÃO:

✓ CHECK-LIST

16

- Definição do tema
- Seleção dos objetos/materiais expostos
- Recursos financeiros disponíveis
- Recursos materiais necessários
- Definição do número de objetos a serem expostos
- Listagem de equipamentos e utensílios para a montagem
- Verificação de uso do espaço
- Necessidades técnicas de energia
- Disposição do que será exibido no espaço (planta baixa)
- Comunicação: material para divulgação da mostra e textos informativos
- Avaliação da exposição (pontos positivos e negativos)

17

GLOSSÁRIO

COLEÇÃO

Pode ser definida como um conjunto de objetos materiais ou imateriais agrupados e classificados segundo critérios estabelecidos por um indivíduo ou uma instituição.

Para saber mais:
DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de Museologia*. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marilka Xavier Cury, ICOM, São Paulo, 2013. Disponível em: http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf

COMUNICAÇÃO EM MUSEUS

Diz respeito a educar e a expor. A comunicação se realiza na interação entre a exposição (o que é mostrado) e o público que a visita (o que é visto).

Para saber mais:
CURY, Marilka Xavier. *Comunicação museológica: uma perspectiva teórica e metodológica da recepção*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. *Museu e Educação: conceitos e métodos*. Ciências e Letras (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 31, 2002.

CURADORIA

É o conjunto de ações teóricas e práticas em torno dos materiais que serão expostos. A curadoria está associada ao discurso do museu e suas posições em relação ao assunto abordado na exposição. Quem realiza essas ações é o(a) especialista chamado(a) de curador(a).

EDUCAÇÃO INTEGRAL

Caracteriza uma educação como sendo aquela que quer tornar inteiro o processo educativo em educação profissional e tecnológica, que busca diminuir os espaços existentes entre as dimensões técnica e intelectual defendendo que a educação é um processo que visa a autonomia e a liberdade dos sujeitos, e não a sua conformação. A educação integral visa a formação humana para a emancipação e autonomia dos seus sujeitos, que se realiza nas relações sociais, na articulação entre saberes práticos e teóricos, e dentro desses saberes está a educação sensível.

Para saber mais:
SANTOS, Maria. *Políticas e diretrizes para educação profissional no Brasil*. Instituto Federal do Paraná: Curitiba, 2011.

ESPAÇOTEMPO

Este termo escrito assim, junto, foi criado por Milda Alves a partir de seus estudos sobre o cotidiano escolar como espaço-tempo do saber e da criação. Usa-se espaço-tempo para diminuir a dicotomia entre o espaço e o tempo escolares, que para a autora, não podem ser separados e fazem parte do universo sobre/com/no cotidiano da educação.

Para saber mais:
ALVES, Milda. *Cultura e cotidiano escolar*. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 23, p. 62-74, Ago. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/bsceko.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200005&lng=en&btn=iso

ESTÉTICA

Estética goza de diversas definições que variam conforme o cenário histórico. O primeiro a teorizar o conceito foi Alexander Baumgarten em 1850, que defendia a estética como área de estudo do conhecimento sensível. Estética tem origem no grego *aisthesis*, significando sensação, sensibilidade, conhecimento sensível-sensorial.

Para saber mais:
HERWANN, Nádia. *Física e estética: a relação quase esquecida*. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

Experiência estética é uma oportunidade, uma possibilidade de abertura a novas interpretações do sujeito no mundo e do mundo no sujeito. As forças da imaginação e do sensível devem ocupar o lugar de conceitos e métodos científicos radicais. A experiência estética é uma estratégia capaz de tornar a vida cotidiana menos rígida e trivial ao jogar luz no diferente, no inesperado e assim, nos transforma e nos permite perceber o outro, atitude rara hoje. Todavia, é preciso interpretar a experiência estética exatamente pelo sensível, pois a mesma não é compreensível pelo intelecto, o objeto dessa experiência – o que é perceptível – pode ser, porém a experiência está no sujeito, na modificação do seu entorno, e não na situação ou coisa.

Para saber mais:
FERREIRA, Marcos Vilela. *Contribuições para entender a Experiência Estética*. Revista Lusitana de Educação, América do Norte, n. 18, p. 111-123, dez. 2011.

18

19



EXPOSIÇÃO

É um fenômeno que ocorre dentro do museu, mas no nosso caso, se dá no espaço de EPT, voltado para um público-alvo, que deve ser determinado a partir dos objetivos da mostra, pelo curador. Uma exposição é uma comunicação baseada em materiais, objetos, imagens, textos que juntos formam um corpo de informações. O objeto exposto, isoladamente, pode não ser interessante, mas em seu contexto torna-se instigante. Ou seja, o assunto da exposição é tão importante quanto o que será exposto, pois a temática e os objetivos da mostra definirão novas interpretações dos materiais naquele contexto.

Para saber mais:
Museum and Galleries Commission. *Planejamento de Exposições*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Vitae, 2001. – (Série Museologia, 2) Disponível em: http://www.usp.br/gcp/Armagem/download/d_arquivos/museo2.pdf

EXPOGRAFIA

Podemos chamá-la de forma ou desenho da exposição. A expografia é realizada por uma equipe que planeja, pesquisa métodos e técnicas para materializar as ideias da curadoria, a expografia operacionaliza a mostra.

MEDIAÇÃO, MEDIADOR

Mediação é o ato de negociar o entre, entre o museu e as pessoas, entre a exposição e os visitantes e as relações entre o que se mostra e o cotidiano de quem experiencia uma exposição. Mediar algo é por em acordo o que é exposto e o público visitante. A mediação em museus é parte fundamental da ação educativa, que pode ser realizada no diálogo, na conversa entre mediador e visitante ou por meio de outros recursos, como o material educativo, normalmente em forma de texto, vídeo, áudio-guia, etc.

MUSEOLOGIA

O termo museologia é compreendido como disciplina humana aplicada, em formação e em constante renovação, que pode ser entendida como o estudo crítico da instituição museu e suas relações, e especialmente daquela entre homens e mulheres e suas comunicações com diferentes realidades. A museologia é uma ação social e cultural, que almeja o desenvolvimento da cidadania associada às ações de comunicação do museu.

MUSEU

O termo "museu" passou por diversas concepções ao longo dos séculos, de templo de musas em sua origem grega até a ideia de museu virtual na atualidade. Aqui, nos concentraremos no conceito de museu como instrumento concebido por homens e mulheres para a compreensão da interdependência entre a humanidade e a realidade, entre o social, o natural e o estético e o desenvolvimento humano associados aos processos museológicos de conservação, pesquisa e comunicação, ou seja, o museu com função social (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013; SANTOS, 2002). Para Cury (2013), a atuação do museu é na perspectiva da cidadania cultural. Enquanto instituição, possui postura argumentativa, defende pontos de vista, posições políticas, jamais é neutra, assim como a instituição escolar. A partir da segunda metade do século XX começou-se a questionar a missão social dos museus e a partir disso refletir sobre como a museologia pode interferir nas práticas sociais, afirmando o caráter social e interdisciplinar dos museus.

Para saber mais:
DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de Museologia*. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marilka Xavier Cury, ICOM, São Paulo, 2013. Disponível em: http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf

PATRIMÔNIO

De origem natural ou criado pela humanidade, considera-se patrimônio um objeto ou um conjunto material ou imaterial, que é apropriado pela coletividade como um testemunho histórico-cultural dos seres humanos em seus meios específicos. Esses bens ou valores são preservados e transmitidos para outras gerações através de objetos, práticas e conhecimentos.

VERNISSAGE

Sinônimo de abertura ou inauguração de uma exposição, geralmente de arte. O termo surgiu no século XVIII e vem do francês, significando envernizamento, referente aos ajustes finais de uma obra ou conjunto de obras artísticas. O termo pode ser usado para aberturas de exposições individuais ou coletivas.

20

21



REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 62-74, Ago. 2003.
- CIAVATTA, M. Formação integrada: a escola e o trabalho como lugares da memória e identidade. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (Org.). *Ensino médio integrado: concepção e contradições*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 83-105.
- COSTA, Evanise Pascoa. *Princípios básicos da museologia*. Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus/ Secretaria de Estado da Cultura, 2005.
- CURY, Marilka Xavier. *Comunicação museológica: uma perspectiva teórica e metodológica da recepção*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- _____. Educação em museus: panorama, dilemas e algumas ponderações. *Ensino em Re-Vista*, v. 20, n. 1, p. 13-28, jan./jun. 2013.
- _____. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2006.
- DESVALLÉES, André; MARESSE, François. *Conceitos-chave de Museologia*. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marilka Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ika. *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor*. 5a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- HERMANN, Nadja. *Ética e estética: a relação quase esquecida*. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

- _____. Razão e sensibilidade: notas sobre a contribuição do estético para a ética. *Revista Educação e Realidade*, 27(1): 11-26, Jan./jun. 2002.
- KAPLÓN, G. Material educativo: a experiência de aprendizado. *Comunicação & Educação*, n. 27, p. 46-60, 30 ago. 2003.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002.
- MOURA, Dante H. Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração. *HÓLOS*, [S.l.], v. 2, p. 4-30, mar. 2008.
- _____. Ensino Médio e educação profissional: dualidade histórica e possibilidades de integração. In: MOLL, Jaqueline. *Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- MUSEUMS AND GALLERIES COMMISSION. *Planejamento de Exposições*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Vitae, 2001. (Série Museologia, 2)
- PEREIRA, Marcos Villela. Contribuições para entender a Experiência Estética. *Revista Lusófona de Educação*, América do Norte, n. 18, p. 111-123, dez. 2011.
- RAMOS, Marise. *Trabalho, educação e correntes pedagógicas no Brasil: um estudo a partir da formação dos trabalhadores técnicos da saúde*. Rio de Janeiro: EPSJ/Fiocruz: LERJ, 2010.
- SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. *Museu e Educação: conceitos e métodos*. Ciências e Letras (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 31, 2002.

Projeto gráfico: Govoni Uno



APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO APLICADO COM MUSEÓLOGOS

QUESTIONÁRIO ABERTO PARA MUSEÓLOGOS

- 1- Você achou o guia atrativo visualmente e em termos de conteúdo? Comente.
- 2- “Roteiros Possíveis” é de fácil compreensão e estimula o intercâmbio entre espaços museais e espaços escolares?
- 3- Faça comentários a respeito da estética e organização do guia, assim como o estilo da redação e a escolha dos conteúdos.
- 4- Avalie os aspectos museológicos abordados no produto educacional.
- 5- Reflita sobre a usabilidade do guia por leigos, no caso professores e estudantes.
- 6- Espaço aberto para sugestões e críticas. Utilize esse espaço caso deseje discorrer sobre modificações, críticas ou sugestões de revisão e/ou modificação de conteúdos e/ou formas.

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO APLICADO COM DOCENTES

QUESTIONÁRIO ABERTO PARA DOCENTES DE EPT

1- A partir da avaliação do produto educacional que tem em mãos, como você pensa que ele poderia contribuir para a sua prática docente?

2- Você acredita que esse guia poderia auxiliar na organização de uma exposição escolar no ambiente de EPT?

3- Como você pensa que este material educativo poderia contribuir para a formação integral dos alunos?

4- Você achou o guia atrativo visualmente e provocativo em termos de conteúdo?
Comente.

5- “Roteiros Possíveis” é de fácil compreensão e estimula o envolvimento do que é proposto e o cotidiano da prática pedagógica?

6- O produto incentiva uma mudança de ação ao propor atividades que extrapolem o espaço da sala de aula? Comente.

7- Faça comentários a respeito da estética e organização do guia, assim como o estilo da redação, a escolha dos conteúdos e a didática adotada.

8- Você considera que o guia poderia auxiliar na aprendizagem de conteúdos abordados em suas aulas/curso?

9- Caso positivo, exemplifique como.

10- Em quais situações você acredita que poderia realizar exposições escolares na EPT?

11- Espaço aberto para sugestões e críticas. Utilize esse espaço caso deseje discorrer sobre modificações, críticas ou sugestões de revisão e/ou modificação de conteúdos e/ou formas.